

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**NOZICÁSSIO GOMES DE OLIVEIRA**

**A INSERÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA E.E.E.F.M.**  
**BERNARDINO JOSÉ BATISTA: Desafios e Perspectivas.**

**Sousa- PB**  
**2014**

**NOZICÁSSIO GOMES DE OLIVEIRA**

**A INSERÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA E.E.E.F.M.  
BERNARDINO JOSÉ BATISTA: Desafios e Perspectivas.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

**Sousa- PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48i Oliveira, Nozicássio Gomes de  
A Inserção do ensino de filosofia na E.E.E.F.M. Bernardino José Batista [manuscrito] : desafios e perspectivas / Nozicássio Gomes de Oliveira. - 2014.  
34 p. : il. color.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Prof. Valmir Pereira, Departamento de Educação".

1. Ensino de Filosofia. 2. Prática Docente. 3. História da Filosofia. I. Título.

21. ed. CDD 100

NOZICÁSSIO GOMES DE OLIVEIRA


A INSERÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA E.E.E.F.M. BERNARDINO

JOSÉ BATISTA: desafios e perspectivas

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 26/07/2014

BANCA EXAMINADORA




---

Prof. Dr. Valmir Pereira- UEPB - UEPB  
Orientador



---

Profa. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes - UEPB  
Examinadora



---

Profa. Msc. Janine Vicente Dias - UEPB  
Examinadora

Sousa - PB  
2014

# DEDICATÓRIA

A minha esposa, Erika Vanessa Lisboa Andrade de Oliveira, pelo apoio e companheirismo e por tudo que ela representa em minha vida. Dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, autor e princípio de tudo.

A minha família, pelo amor incondicional!

Aos meus colegas do Curso da turma 01, pelo coleguismo e amizade que construímos no decorrer dos longos sábados na “Cidade Sorriso”.

Aos colegas professores e alunos do Curso de Especialização da cidade de Santa Helena e São João do rio do Peixe, pela companhia no tráfego até ao Polo de Sousa.

Aos colegas de trabalho, em especial a Direta Escolar, Irivam Gualberto, pelo incentivo e apoio.

Aos meus alunos da Escola Bernardino José Batista, causa primeira para realização deste trabalho acadêmico.

A turma de professores que coordeno no CEMI – Centro Educacional Mundo Infantil, pelo apoio e compreensão.

Aos meus amigos da “Casa de Nós”, pelos momentos de descontração, que serviram de alívio das tensões atraídas pelo trabalho e estudo.

Ao meu Orientador Professor Dr. Valmir Pereira, pela paciência e incentivo motivacional.

É necessário fazer outras perguntas, ir atrás das indagações que produzem o novo saber, observar com outros olhares através da história pessoal e coletiva, evitando a empáfia daqueles e daquelas que supõem já estar de posse do conhecimento e da certeza.

Mario Sergio Cortella

## RESUMO

O delinear do dado trabalho parte da prática docente da disciplina de filosofia, desde sua inserção obrigatória nos currículos do Ensino Médio no Brasil e por conseguinte no Estado da Paraíba. Tendo como referência a vivência sobre o enfrentamento às disparidades do ensino de filosofia recém chegado nas escolas públicas da Paraíba, mais especificamente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista, na cidade de Triunfo-PB. Para tanto, buscando entender os percalços encontrados, partimos rumo à trajetória da Filosofia no Brasil, desde a chegada dos padres jesuítas, as transições políticas influenciadas pelas mais variadas correntes, até sua instauração no ensino brasileiro, mais cogitado pela Ditadura Militar, o qual sai do cenário educacional, sendo substituído por outras disciplinas, que defendiam as ideologias da ditadura. Porém, militantes que defendiam a permanência do ensino de filosofia nas escolas públicas onde, depois de vários anos de luta, uma Lei Nacional reintegra a obrigatoriedade da disciplina no currículo do ensino médio. É nesse instante que começamos a escrever a história do ensino de filosofia nas escolas públicas da Paraíba, sobre os mais variados desafios encontrados na súbita instalação do ensino nas salas de aulas, mas na perspectiva da passividade que seriam sanados no decorrer do tempo e sobre a execução de projetos didático-pedagógicos, que viessem a suprir tais carências, como a exemplo do Filosofando: da leitura à interpretação filosófica, trabalhado de forma facultativa às turmas do segundo e terceiro Anos do Ensino Médio da Escola Bernardino José Batista no ano de 2013.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino, Filosofia, Prática, Desafios, Projetos.



## **ABSTRACT**

The outline of this issue starts with the teaching of philosophy education from your obligatory implantation in the curriculums vitae in Brazil High School Paraíba State. We have like reference what has been experienced about confrontation with disproportion of Philosophy teaching newcomer in the Paraíba public schools, especially in Bernardino José Batista Middle and High teaching State School, located in Triunfo city Paraíba State. From now on, searching to understand the found mishaps, we will discuss about the philosophy trajectory in Brazil, from the arrival Jesuit priests, the politic transition influenced by diverse tendencies until its instauration in Brazilian teaching, obstruct by Military Dictatorship which it leave from educational scenery that was replaced by others subjects that protected the dictatorship ideology. However, militants have defended the durability of philosophy teaching in public schools where after many years fighting than one National Law reintegrate the obligation to put philosophy like instruction in High School curriculum vitae. From this moment, we start to write philosophy teaching history in public schools in Paraíba, talking about the more diverse challenges found in a sudden establishment of the teaching in the classrooms, but in passive view which was remedied as time passes and also about the execution of pedagogical projects that had supplied the needs; like a pattern of Philosophizing: from reading to philosophic interpretation, working in optional form inside the Second and Third groups High School teaching of the Bernardino José Batista School in 2013.

**KEYWORDS :** Education , Philosophy , Practice , Challenges , Projects

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura I: Repartições onde funcionava o antigo prédio da E.E.E.F.M. Bernardino José Batista. ....</b>	<b>35</b>
<b>Figura II. Escola Bernardino José Batista recém construída.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura III: Atividades do Projeto Filosofando: da leitura à interpretação Filosófica.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura IV: Gráfico de rendimento bimestral das turma de 2º e 3º Ano do Ensino Médio.....</b>	<b>36</b>

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1. Capítulo I – A exclusão e a volta da filosofia no Ensino Médio</b>	<b>14</b>
<b>1.1. Aspectos históricos da filosofia no Brasil</b>	<b>14</b>
<b>1.2. Retorno da Filosofia no Ensino Médio: uma escola ou uma condição?</b>	<b>18</b>
<b>2. Capítulo II: A realidade da volta do ensino de Filosofia na Paraíba e na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista</b>	<b>22</b>
<b>2.1. O Ensino de Filosofia na Paraíba: um reflexo coercitivo educacional</b>	<b>22</b>
<b>2.2. Características físicas e humanas da Escola Estadual Bernardino José Batista</b>	<b>25</b>
<b>2.3. Projeto Filosofando: da leitura à interpretação filosófica – Relato de uma prática docente</b>	<b>27</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>32</b>
<b>4. REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>
<b>5. ANEXOS</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia é recente no currículo das escolas públicas no estado da Paraíba. Como de para quedas, chegamos às salas de aula com um **linguajar** diferente e pouco compreendido pela maioria dos alunos. Eles, ainda no clima do novo, muitas vezes nem sabiam pronunciar a palavra filosofia, expressando-a como **fisolofia**. Estávamos no mesmo ambiente, mas em universos distintos.

Este trabalho discute a natureza da filosofia e as dificuldades de se ensinar a pensar numa sociedade que prima pelo fazer. A abordagem aqui apresentada está restrita ao período compreendido entre maio de 2009 e dezembro de 2013, mais de quatro anos de intrínseca relação entre professor, aluno e teorias. Período de muitas mudanças significativas que amadureceram a prática profissional e as leituras e releituras do universo discente.

A maior parte dos quatro anos e sete meses foi de adaptação, um tempo e campo preciso de observações para assim diagnosticar as dificuldades enfrentadas pelos alunos, pelo professor e pela própria escola. E aqui foram encontradas. Problemas de estrutura física, social, psíquica e política. É irrelevante citar as duas últimas no corpo deste trabalho. Porém, as primeiras nos permitem enveredar pelos caminhos da vida escolar, e é o que importa neste momento. No que se refere à estrutura física foi assunto de muitas discussões, porém uma problemática sem solução ao alcance da comunidade escolar. As questões sociais estavam envolvidas nas condições de vida dentro e fora da escola.

Desta forma, era necessário trazer a realidade do aluno e da escola, visando um rendimento eficaz, mesmo que não se chegasse ao resultado preciso, mas considerar a capacidade e as condições de cada um.

Esta pesquisa tentará responder e discutir as dificuldades encontradas pela maioria dos alunos em relação à disciplina de Filosofia.

Defendemos que a dificuldade que envolve boa parte dos alunos na disciplina de Filosofia está atrelada ao fator histórico da educação brasileira adquirido pela estrutura política do século XX, em particular pelo regime militar, cuja inserção causou certo estranhamento da mesma no currículo do Ensino Médio no estado da Paraíba configurada ao modelo de educação pública vigente.

Esta pesquisa traz em sua estrutura o objetivo de ilustrar de forma concisa a trajetória do ensino de Filosofia desde seu retorno na grade curricular da Educação Básica das escolas

públicas estaduais da Paraíba, mais precisamente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista.

A educação dá mais uma vez **um giro de trezentos e sessenta graus**, com o retorno da prática reflexiva, intelectual e discursiva. Porém, para chegar à prática propriamente dita não era possível, pois a práxis era utópica, tanto tempo fora da proposta curricular, estávamos diante de uma geração descontextualizada sobre o ensino de Filosofia. O que é? Para que serve? Nós somos obrigados a estudar “**isso**”? E reprova? Questões desse tipo eram comuns cada vez que entrava nas salas do Primeiro Ano do Ensino Médio, uma vez que a introdução dessas disciplinas foi gradativa até chegar às três séries do ensino médio.

Posto isto, a partir de toda historicidade sobre os quase cinco anos à frente de diversas turmas, é importante expor, explorar e entender a trama e o enredo durante toda a trajetória de desafios e perspectivas enfrentados durante tal período.

A LEI 11.684/2008 (LEI ORDINÁRIA) publicada em 02/06/2008 inclui o ensino de Filosofia de caráter obrigatório no Ensino Médio. Sendo assim, o governo do estado da Paraíba lança no final do mesmo ano o edital para ocupação dos cargos de professores da referida disciplina. Em maio, após tomarmos posse em João Pessoa, grande era a expectativa de estar em sala de aula.

O ensino de Filosofia é de grande importância para a formação do ser humano, tanto do ponto de vista social quanto intelectual. Não há dúvida sobre a relevância das teorias filosóficas para compreender e conceituar fenômenos que ocorreram nos principais períodos da história da humanidade e ocorrem nos dias atuais. Além do mais, a Filosofia, mais do que uma teoria, é uma provocação sobre o ser, como fundamenta Cortella:

A filosofia se preocupa em pensar as razões da existência. Pensar aquilo que, de fato, faz com que o ser humano tenha sentido. Por exemplo, do que é feito a realidade? Por que é deste modo e não de outro? Qual o sentido que as pessoas dão à vida? Qual o lugar do mal dentro disso? A felicidade existe ou é ilusão? Por que existe alguma coisa, em vez de nada existir? Existe loucura? Vida boa o que é? É certo apenas o que é útil? (CORTELLA, 2009, p.8)

Qual seria de fato a nossa atuação profissional perante essa perspectiva do ensino de Filosofia e sobre as indagações propostas por ela? O que há de tão incompreensível nessa disciplina? Será que o pensamento sistemático da teoria filosófica é utópico? Muitas aqui poderiam ser as questões referentes a este assunto, visto que a vivência cotidiana nos causa reflexões indagativas sobre o diagnóstico: desatenção e baixo rendimento relativo aos

conteúdos estudados, falta de assimilação dos conteúdos em relação a outras disciplinas como, história, geografia e literatura... Enfim, existem outras deficiências as quais também os alunos têm em comum em outra disciplina.

Qual seria a causa principal dessa série de situações negativas? Aqui cabe ressaltar que a novidade assusta, é incompreendida, um objeto estranho. E foi desta forma que encerrei a reação dos alunos, e respeitei. Não é nada fácil, pela primeira vez estar diante do abstrato ou porque não dizer diante da luz ofuscante. Lembrei-me da Alegoria da Caverna de Platão e percebi que deveria dar tempo ao tempo, até que alguns despertassem e enxergassem a luz que está fora da caverna. Que só o tempo e prática eram capazes de lapidar as joias brutas existentes em cada ser, e a partir de orientações poderia levar os alunos à busca do conhecer.

Filosofia? Pior do que não saber é fingir que sabe; pior do que não conhecer, é fingir que conhece. O conhecimento é, portanto, a inovação que começa exatamente quando sei que não sei algo, quando tenho consciência da minha ignorância e enxergo a urgência em saná-la. (CORTELA, p.7, 2009)

Ninguém nasce sabendo de tudo, esperar algo além da capacidade dos meus alunos seria uma grosseira ignorância. E mesmo sendo eles já **adultos**, não estavam definidos em seu caráter social e pessoal. A mente é plástica e ela estava em processo de construção. Assim é o homem, um ser em construção, capaz de projetar, refletir e alterar seus projetos e compartilhar novas circunstâncias.

[...] não nascemos prontos e acabados. Ainda bem, pois estar satisfeito consigo mesmo é considerar-se terminado e constrangido ao possível da condição do momento... Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, a criar, a inovar, refazer, modificar. (CORTELA, 2009, p. 12-13)

Desde então, a convivência e os resultados tem apresentado uma melhora, muitos têm se identificado, e muitos têm informações sobre Filosofia, o que antes não era possível. O conceito sobre ela constrói-se aos poucos, devagar e como faria um antigo professor da Faculdade, estou usando o método do parafuso: torcendo, distorcendo e torcendo novamente.

A teoria e a prática no Ensino de Filosofia trazem nesse contexto um tom paradoxal. O que foi almejado agora é de fato concebido. Diante dessa realidade encontramos os sujeitos que serão os fundamentos da lida contínua da nova ampliação da grade curricular do Ensino Médio.

É nesse cenário de vida real que o fruto do nosso trabalho de pesquisa se debruçará, buscando extrair os reais fatos que ilustrarão os **prós e contras** da inserção da nova disciplina obrigatória no Ensino Médio no Brasil.

Desta feita, abordaremos a fundamentação do Ensino de Filosofia nas escolas, trilhando os acontecimentos históricos, políticos e sociais, visando ilustrar a extinção e reinserção obrigatoriamente impostas pelas Políticas Públicas. Trataremos ainda do choque e do estranhamento vivenciado pela escola, professores e alunos após implantação das mesmas, bem como seu processo gradativo de alcançar as três séries do Ensino Médio de 2009 a 2011, abordando assim, a adaptação e desafios seguidos nos anos de 2012 e 2013.

Para fecharmos a pesquisa, serão ouvidos através de questionários os alunos envolvidos no Projeto **Filosofando: da Leitura à Interpretação Filosófica** e alguns professores que participaram parcialmente do mesmo, e finalizaremos com o depoimento da direção juntamente com a coordenação pedagógica. Porém, só concluiremos com a análise de dados do rendimento quantitativo desde 2011 a 2013 dos alunos que participaram do Projeto Pedagógico executado no ano de 2013, Projeto este, que foi condecorado com o Prêmio Mestres da Educação do Estado da Paraíba.

# 1. Capítulo I – A EXCLUSÃO E A VOLTA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

## 1.1. Aspectos históricos da filosofia no Brasil

*“Brasil, ame-o ou deixe-o”.*

O ensino de filosofia no Brasil passou por momentos distintos dos que se conhecem em outras nações. A trajetória do mesmo tem seu momento dinâmico e peculiar, oriundos da estrutura política vivida pelo Brasil e de certa forma influenciada pelo pensamento filosófico europeu. A sua égide ocorre pela tradição religiosa dos jesuítas ramificada na tradição dos ensinamentos e convicções da igreja, daí então o ensino de filosofia segue seu percurso de enfrentamento político, social e religioso e de interesse pela sociedade brasileira em formação cidadã.

Sabe-se que a filosofia é uma prática teórica com muitos séculos de história e de transição fundamentadas nas circunstâncias do tempo e do espaço. Ou seja, a filosofia caminha com a história e faz dela seu hábitat, uma vez que passa por ela e deixa uma marca relevante que conduz uma sociedade.

Passaremos a entender a filosofia no Brasil através da formação político-social dessa nação que teve influência um tanto peculiar sobre as várias escolas, pensamentos e movimentos modernos filosóficos. Para isso será necessário percorrer pelas estradas da recente terra desbravada e colonizada pelos portugueses.

Após chegarem ao Brasil os portugueses preocuparam-se com a **catequização** dos nativos brasileiros. Foi dessa forma que a Filosofia aportou nas terras tupiniquins, através dos padres jesuítas que trouxeram as primeiras ideias filosóficas, arraigadas ao processo de colonização portuguesa e interesse da Igreja Católica que tinha o intuito de cristianizar as Américas. Assim, a égide do pensamento intelectual brasileiro, por meio dos primeiros pensadores e educadores se estabeleceram no Brasil. De acordo com Incontri:

O pensamento jesuíta brasileiro tinha por inspiração a filosofia escolástica tomista, um modelo filosófico metafísico, baseado nas teorias aristotélicas do ser, compatibilizada com a doutrina cristã do Deus criador e da alma imortal. (INCONTRI, 2008, p. 413).

Desde a chegada dos jesuítas no Brasil no século XVI eles instituíram sua missão de catequese e educação que prevaleceu até o século XVIII, quando foram expulsos do Brasil e



de Portugal pela ação do Marquês de Pombal. Ainda no final desse mesmo século a elite intelectual do Brasil, influenciada pela de Portugal, instaura o pensamento moderno, voltado para as questões científicas e técnicas. Tais ideias foram trazidas pelos estudantes brasileiros quando voltavam de Portugal.

As mudanças na estrutura do pensamento intelectual brasileiro não estacionam. Ideias como as do Iluminismo, filosofia francesa, e as Revoluções - Francesa de 1789 e a Americana de 1776, instigaram classes e personagens brasileiros para a luta social e política.

A partir do século XIX as transformações se intensificam no aspecto social e cultural e nessa perspectiva um novo paradigma filosófico toma seu curso e a política brasileira prepara-se para inaugurar seu sistema político: o Brasil Império.

Na virada entre esses dois séculos, as ideias do iluminismo francês tiveram grande aceitação pela elite brasileira. [...] As razões que levaram nossos intelectuais a se voltarem para as ideias iluministas foi a necessidade de se criar um conjunto de pensamentos políticos para refletir sobre o país, o Brasil ainda vivia um clima de submissão a Portugal... (INCONTRI, p.414, 2008)

Os intelectuais brasileiros anseiam atualizar a modernidade à realidade do Brasil, mas para isso seria necessário configurar as instituições, reorganizar a política e a própria sociedade, ao introduzir os princípios do liberalismo político e econômico.

A independência e o crescimento econômico do Brasil estreitaram os laços com a Europa, uma vez que a modernização da sociedade estimulou os pensadores brasileiros e assim estaríamos cada vez mais perto do desenvolvimento econômico da nação republicana.

A filosofia no Brasil está estritamente relacionada com as relações externas e com sucessões de fatos históricos que desencadeiam sua trajetória política e social, ou seja, a filosofia brasileira permite se influenciar pelo pensamento filosófico e social, e a partir de então permeia sua própria trajetória. Um exemplo disso é a influência do Positivismo, pensamento social vinculado aos estudos biológicos da evolução do darwinismo, que visa a reorganização da sociedade, por meio do pensamento intelectual. Assim, o progresso político só seria possível com o progresso do saber. Daí duas palavras definem bem tal filosofia, **ordem e progresso**.

Uma nova geração de intelectuais se formou, ligada ao cientificismo, que vigorava no ensino europeu e brasileiro. Quase toda a Filosofia passou a ser dominada pelas ideias do positivista Auguste Comte, e pelas teses da biologia de Charles Darwin [...] consideravam a evolução como chave central para entender a natureza. (INCONTRI, p.417, 2008).

Num período em que as mudanças são significativas e importantes, a vida sócio-política do Brasil almejava romper alguns paradigmas preconceituosos instaurados durante a colonização com o tráfico de escravos negros, visto que a abolição não eximiu por completo o problema racial. Além do mais, a diversidade de sangue existente no Brasil com a chegada dos europeus e a cultura do **branqueamento** da raça foi considerado o problema do atraso cultural brasileiro, já que o país comportava excesso de sangue indígena e negro.

O problema do atraso cultural brasileiro norteou as correntes filosóficas para a superação do mesmo. Muitos pensadores voltaram seus estudos para a praticidade da vida social. Um pensador positivista brasileiro, Luiz Pereira Barreto, expressou suas ideias, afirmando que era importante elevar o Brasil, pois entendia que o país estava sujeito às leis gerais do progresso que regia toda humanidade. Assim, o que diferenciava o Brasil da civilização ocidental era apenas uma questão de fase evolutiva e não de natureza inferior. (INCONTRI, 2008).

Nessa perspectiva positivista, brasileiros elucidam estratégias para o desenvolvimento do Brasil por meio das ideias do liberalismo econômico, do governo republicano, das lutas contra a escravidão, da separação entre Estado e Igreja, da instituição do casamento civil, secularização dos cemitérios, libertação da mulher e crença na melhoria da educação como chave para resolver os problemas do país.

É nesse cenário de lutas e influências das concepções sociais, modernização da sociedade, mudanças culturais, econômico-político e filosóficas, que o Brasil põe fim ao Império e instaura a República Federativa respectivamente em 1889. A partir de então outras concepções e correntes filosóficas vão surgindo e cada vez mais o Brasil vai tomando corpo e força enquanto nação.

Com o novo sistema político brasileiro já estabelecido, o século XX amplia seu acervo filosófico desde nomes e correntes filosóficas até o próprio ensino, como destaca Dora Incontri:

O quadro filosófico no Brasil no início da República completa-se com o processo de renovação da filosofia católica a partir da separação ente Igreja e Estado. A intelectualidade brasileira católica se voltou para o neotomismo, corrente filosófica que procurava retornar a decisão tomista em um contexto da Filosofia e da Ciência moderna, fortalecendo a filosofia católica. Os beneditinos fundaram em 1808, em São Paulo, a Faculdade de Filosofia São

Bento, que foi o primeiro curso regular de Filosofia no país e que irradiou a filosofia neotomista pelo Brasil. (INCONTRI, p. 419, 2008)

O processo de modernização e o sistema econômico capitalista que estavam decorrendo significativamente, o desenvolvimento da indústria e do conhecimento técnico consolidam a expansão de forma expressiva. A tecnologia acelera o modo de vida das pessoas, e configura a égide efêmera das culturas, abrindo caminhos para as demais, assim como para correntes filosóficas como o neopositivismo, o marxismo, existencialismo e pensamentos de vários filósofos.

Dentre as correntes filosóficas influentes no Brasil a partir do século XX a que mais marcou a vida social e política foi o Marxismo, ao criar diretamente um grupo a esquerda, visando a consolidação do pensamento socialista. A partir de 1935 ele passou a ser a cartilha de estudo dos operários, apoiado pelo Partido Comunista, sendo perseguido pelo governo de Getúlio Vargas e posteriormente pela Ditadura Militar, momento em que o ensino de Filosofia ficou comprometido pelo novo regime político. Assim, “quando a ditadura militar estava no auge no Brasil, e vigorava o Ato Inconstitucional nº 5 (1968), sob o governo de do General Garrastazu Médici, era proibido pensar.” (INCONTRI, 2008, p. 24).

O Ato Institucional nº 5 instaura oficialmente a ditadura no Brasil, atingindo *in loco* universidades e estudantes, gerando vários conflitos, confrontos, passeatas, embates físicos, manifestações, ocupação de prédios, espancamentos, prisões e até mortes.

A filosofia é um modo de pensar sistemático, organizado e metódico com questões precisas daquilo que se faz, para indagar sobre os porquês. E *porque* não é *como*. [...] a filosofia também é inquieta, e a inquietação costuma ser criativa. Quando alguém, em vez de ficar animado com o que faz, fica apenas satisfeito, para ir adiante; afinal, só quem se sabe ainda pequeno é capaz de crescer, pois aquela pessoa que já está satisfeita com a dimensão que atingiu vai direto para a acomodação. (CORTELLA, p. 07-08, 2009).

É nessa perspectiva da definição e integração da atitude filosófica que o Regime Militar decidiu abolir o ensino de Filosofia e adotar novas disciplinas curriculares que correspondessem aos interesses da política militar. A OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e EMC (Educação Moral e Cívica), ambas transpareciam a ideologia política estabelecida pelo Regime Militar. As novas disciplinas instalaram-se durante a ditadura e deixou seu **legado** ríspido aos que adotaram coercitivamente a ideologia do regime.

O ensino de filosofia só volta aos currículos em 1982, de forma facultativa, sofrendo substancialmente uma desvalorização e desgaste característico, o questionar e o criticar. Com isso a influência do capitalismo consumista e dos partidos políticos criaram uma cultura do conformismo intelectual.

O ensino de filosofia retorna aos currículos das escolas públicas no Ensino Médio. Porém nos é oportuno indagar: Será que ainda é possível recuperar ou recriar uma sociedade intelectual? Será que há Filosofia no Ensino de filosofia? Que reais interesses estão vinculados ao retorno do ensino de filosofia? De fato, as escolas estavam preparadas para a reinserção do ensino de filosofia?

“Brasil, ame-o ou deixe-o”.

## **1.2. Retorno da Filosofia no Ensino Médio: uma escola ou uma condição?**

A filosofia por si, como disciplina, não tem o poder de desalienar. Nada é por si mesmo libertador, ou alienador. Dependerá do conteúdo e contexto. (COTELLA, p. 10, 2010).

É ainda no período da ditadura militar que o ensino de filosofia retorna aos currículos de forma parcial sendo facultativo. Daí então se passa um logo percurso de discussões e debates pela volta integral do ensino de filosofia nas escolas. É certo que não foi nada fácil para os militantes desta causa. A forte pressão durante a ditadura desfocou significativamente o viés do ensino da disciplina nas escolas, e é certo também que a escassez de profissionais habilitados na área filosófica era um fato incontestável, visto que a história do ensino de filosofia é oscilante.

Ao longo da história, a filosofia foi diversas vezes retirada e reinserida nos currículos. É o que ocorreu logo após a implantação do regime republicano, no final do século 19. A ideia era que houvesse mais espaço para as disciplinas de formação científica. Essa situação de exclusão foi temporária; a disciplina voltou a ser incluída em 1901, mas foi novamente retirada em 1911. Em 1915, a Filosofia voltou à escola como matéria optativa, passando a ser obrigatória em 1925. As reformas educativas de 1932 e 1942 mantiveram a Filosofia no currículo escolar, dando a esse campo de estudo um caráter histórico e enciclopédico. (MAAMARI, p.23. Discutido Filosofia, Ano I, nº5)

A trajetória do ensino de filosofia não arraigou de forma concisa sua permanência efetiva nos currículos, talvez, seja a constituição histórica que não a definiu coercitivamente nas grades e cotidiano escolar. Porém, mesmo assim, militantes continuaram na labuta para reinserir a disciplina de forma obrigatória às escolas públicas. A exemplo disto tem-se o Fórum Sul - brasileiro de Filosofia e Ensino, criado na década de 1990 que reunia três estados, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A força política que surgiu do envolvimento dos participantes culminou na elaboração e aprovação do documento, intitulado Carta de Londrina, que como signatárias todas as entidades presentes no evento, os membros de cada fórum regional e todos os profissionais, alunos e simpatizantes da defesa da volta da Filosofia às escolas. Os coordenadores do Fórum Sul-brasileiro foram a Brasília, em junho de 2006, entregar a Carta aos representantes do Conselho Nacional de Educação (CNE), e ao ministro da Educação, Fernando Haddad. (MAAMARI, p. 23, *Discutindo Filosofia*, Ano I, nº5)

Desde a reforma de 1982 o ensino de filosofia já estava mais uma vez inserido de maneira optativa, ficando a cargo das instituições de ensino implantá-lo ou não. A Lei Federal nº 9.394/96 dispõe no inciso III domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania. Um passo muito importante, porém sem efeitos eficazes *a priori*. Mas permitiu a discussão a respeito do mesmo. Assim, de forma pacífica e gradativa chega-se a máxima da luta travada por muitos profissionais da educação. Desta feita, a Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

Depois de tantas idas e vindas da disciplina curricular a filosofia alcança seu ponto máximo no ensino básico das escolas públicas brasileiras, e como toda novidade causa estranhamento, a obrigatoriedade do ensino de filosofia não foi diferente, a partir de então, encontrou-se vários desafios e preocupações, várias indagações foram feitas e o problema da oferta e demanda era nítido, e tantos outros problemas a serem enfrentados daí por diante, como destaca Adriana Mattar Maamari, num artigo da revista *Discutindo Filosofia*:

A aprovação da inserção da disciplina no currículo brasileiro, porém, traz à tona problemas que até então estavam camuflados. Primeiro, para atendermos à necessidade nacional de professores para o Ensino Médio, os cursos superiores em licenciatura filosófica devem ampliar a oferta de vagas e melhorar em qualidade. (MAAMARI, p. 24, *Discutindo Filosofia*, Ano I, nº5)

No mesmo artigo, a autora em tela expõe a vocação dos alunos do ensino superior em filosofia. Segundo ela, muitos deles têm interesse em tornar-se professor, porém a perspectiva do trabalho é contraditória e isso acaba desestimulando boa parte dos graduandos em filosofia e muitos nem chegam a concluir o curso. Muitos dos alunos nos cursos superiores em filosofia estavam significativamente divididos, já que existem três habilitações nos cursos de graduação em filosofia: o de licenciatura, voltado para formação de professores, o bacharelado, formação de pesquisadores e o seminarístico, preliminares à formação de lideranças clericais.

A estrutura do ensino de filosofia tornou-se também uma problemática. Alguns estados do Brasil já adotavam em sua grade curricular a disciplina filosofia, outros não estavam preparados para receber e muitos precisavam adaptar-se literalmente ao perfil curricular. Ou seja, seria necessário configurar seus projetos pedagógicos para inserção do currículo, com as Orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, para alcançar os objetivos nele contidos.

[...] é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando. No entanto, mesmo sem o status de obrigatoriedade, a Filosofia, nos últimos tempos, vem passando por um processo de consolidação institucional, correlata à expansão de uma grande demanda indireta, representada pela presença constante de preocupações filosóficas de variado teor. (BRASIL, 2006, p.15)

O papel do ensino de filosofia para a formação do aluno está voltada para além da tarefa geral de “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Artigo 2º da Lei nº 9.394/96). Os Parâmetros fortalecem a Lei, dando significado a proposta do ensino da disciplina.

...enfim, a sugestão que está lá no PCN de filosofia é a de sempre: trabalhar essa disciplina naquilo que ela tem de significativo, isto é, com suas linguagens, nos seus temas, problemas, tanto em termos de propiciar aos alunos a formação de uma perspectiva teórica para a vida intelectual, de estudos ou profissional, como para focar problemas relativos a questões tecnológicas, científicas, éticas, estéticas, voltadas para o mundo contemporâneo. (FAVORETO, p. 28).

O fato é que o ensino de filosofia está terminantemente reinserido no Currículo do Ensino Médio. Até aqui foram cinco anos de labuta efetiva para corresponder os Parâmetros

Curriculares Nacionais e a Proposta Política Pedagógica das escolas públicas estaduais e ao mesmo tempo querendo entender prós e contras desta retomada, ouvindo os reclames dos alunos tentando sanar as lacunas criadas pela integração súbita (para os alunos) da filosofia nas escolas e o paradoxo vivido por muitos professores, a oportunidade de trabalho e o despreparo das políticas públicas educacionais da maioria dos estados para acolher os professores recém-contratados.

O ensino público brasileiro é desafiador, pois ensinar filosofia é mais ainda, a herança do **para que serve a filosofia?** é muito presente, e esta é a melhor parte, pois se encontrar uma resposta para tal pergunta, aí sim, o ensino seria inútil. E tudo isso se torna desafiador e tentador, pois é preciso romper barreiras e quebrar paradigmas. É necessário inovar, lapidar o potencial de todos que estão inseridos na esfera educacional, desde os alunos até os professores. Assim, a filosofia como mãe das demais áreas e disciplinas, ganhará seu espaço e consolidação no Brasil.

## **2. Capítulo II: A realidade da volta do ensino de Filosofia na Paraíba e na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista**

### **2.1. O Ensino de Filosofia na Paraíba: um reflexo coercitivo educacional**

A obrigatoriedade do ensino de filosofia parece ter chegado ao topo, bem como a realização concreta de uma luta travada por muitos daqueles que tanto almejavam ver as escolas comportando a disciplina em sua grade curricular. Mas o que temos de fato é um problema de base educacional, e mais do que isso, um contratempo de fragilidades no suprimento das necessidades das escolas, além da adaptação recíproca entre alunos e professores há ainda a escassez de profissionais com habilitação apropriada e tantos outros que emanam no dia a dia do convívio escolar.

O ensino de filosofia na Paraíba aparentemente não teria tanta escassez de profissionais, já que havia cursos superiores em algumas Universidades Federais e outras Faculdades da rede privada. Porém, havia limitação nos cursos, pois alguns eram em nível de bacharelado e de formação seminarística. Assim, José entende:

O professor tem uma formação docente e estudou para isso: ensinar. Porém, isso não é tão simples, já que deixamos o bacharel sem habilitação para ensinar nos últimos anos do ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior não universitário e ao professor sem habilitação para investigar. (JOSÉ, 2008, p. 101).

Com a instauração da LEI 11.684/2008 publicada em 02/06/2008, que inclui o ensino de Filosofia de caráter obrigatório no Ensino Médio, o Governo do Estado da Paraíba através da Secretaria de Educação lança o edital para concurso público visando a contratação de professores de Filosofia e Sociologia.

O Governo do Estado da Paraíba, em cumprimento ao que determina o artigo 37, inciso II, da Constituição Federal, e a Secretaria de Estado da Administração, no uso de suas competências previstas na Lei n.º 8.186, de 16 de março de 2007, por intermédio da Comissão do Concurso Público designada pelo Ato Governamental n.º 1.424, de 12 de fevereiro de 2008, e o Contrato firmado com a Fundação Universidade de Brasília (FUB), tornam público o presente Edital de Concurso de Provas Objetivas e de Avaliação de Títulos, para o ingresso no Cargo de Professor de Educação Básica 3 da carreira do Magistério Estadual, no âmbito da Secretaria de Estado da



Educação e Cultura, conforme o disposto no Art. 3º, Inciso II da Constituição Federal, na Lei n.º 7.419, de 15 de outubro de 2003 e posteriores alterações, Lei n.º 8.432, de 04 de dezembro de 2007, e a Lei 8.674 de 29 outubro de 2008, publicada no Diário Oficial de 30 de outubro de 2008 e mediante as normas estabelecidas neste Edital. (PARAÍBA, 2008, p. 01).

O EDITAL Nº 01/2008/SEAD/SEEC ofereceu quinhentas e quatro vagas sendo cinquenta por cento para cada disciplina curricular: Filosofia e Sociologia. Foram ofertadas vagas proporcionais às disciplinas para as escolas de nível médio do Estado. É a partir de então, com o concurso homologado, que a trajetória do ensino de filosofia desponta na Paraíba. Ainda contando com aqueles velhos problemas, o concurso não supriu todas as vagas, não houve candidatos suficientes para preenchê-las e muitas escolas ficaram sem um professor habilitado.

O Governo do Estado convocou 13 candidatos aprovados no Concurso Público para o cargo de professor da disciplina de Filosofia, realizado em janeiro de 2009. A convocação foi feita no Diário Oficial de 27 de março/2011... A Secretaria da Educação está vendo a necessidade das escolas do Ensino Médio que ainda não contam com educadores das duas disciplinas e encaminhando os profissionais para a cidade pela qual optaram no ato da inscrição ou para a localidade mais próxima (PARAÍBA,2009).

Em seu Blog, Jonas Dinis, destaca algumas cidades da região da Borborema paraibana que ficaram sem professores, mas que foram sanadas pelos professores que ficaram em colocação posterior em outras cidades.

Manaíra, Princesa Isabel, São José de Princesa, Tavares, Juru não tiveram nenhuma das vagas preenchidas. Ao todo nestas cidades contabilizam-se 10 vagas. Isto porque os inscritos, ou não passaram no processo de seleção, ou nessa hipótese, não se teve inscritos suficientes para exercerem tal cargo, em determinadas escolas. (DINIS, 2009).

O Governo do Estado teve a preocupação de remanejar os classificados para preencher vagas em cidades da região onde o concursado fez opção, mas mesmo assim, há muitas cidades sem professores devidamente qualificados.

Até aqui são cinco anos desde o concurso, e é certo que a solução para tal problema é gradativa, o processo é lento e exige paciência para atender todas as necessidades de forma coerente. Além do mais, teríamos que atender outras necessidades mais próximas e urgentes: o estranhamento dos alunos para com a disciplina, a adaptação dos professores à nova

realidade, o ementário a ser definido pelo próprio professor e tantos outros que surgiram a partir destes.

A linha histórica do ensino de filosofia nas escolas públicas estaduais da Paraíba, desde a efetivação da Lei Nacional que obriga o ensino nas escolas de nível médio, corresponde a tudo que foi declarado. O que se tem feito pelo MEC e pela própria Secretaria de Estado da Educação parece não existir, é mínimo. Não há nenhum registro de Formação Continuada específico para a disciplina, como promoção de Seminário, Simpósio ou até mesmo Congresso, quando cito tais eventos falo de sua execução exclusiva à área filosófica.

O ensino de filosofia exige muito mais do que se possa imaginar, pois a prática pedagógica é de suma importância para o bom desempenho dos envolvidos na prática educacional. Mesmo os professores que saíram dos cursos de licenciatura enfrentam cotidianamente várias dificuldades. Das Universidades e Faculdades que ofereciam a modalidade, muitas tinham suas carências, principalmente por manterem a mesma grade curricular por muitos anos. É mais do que necessário fazer uma atualização para atender o mercado e acompanhar a nova geração dos alunos, pois:

Todos aqueles que abraçam a formação superior em Filosofia sabem do abismo que tem separado a Educação básica do ensino Superior [...] a nova exigência implicará em um remodelamento dos projetos pedagógicos e dos currículos dos cursos superiores. Não será mais possível uma parcela dos professores desses cursos se mantenham alheia à profissionalização dos seus alunos. (MAAMARI, p. 25)

É sobre esse contexto meio que paradoxal que o ensino de filosofia se instaura nas escolas públicas da Paraíba e é paralelo a tudo isso que o novo ganha espaço para construir o enredo do ensino de filosofia. Novos professores são novidade para os alunos. Esse seria o primeiro embate a se enfrentar. Mas nada disso poderia abater a perspectiva que apesar das circunstâncias contrárias movia muitos em sua primeira jornada de trabalho na área educacional. Era sem dúvida um desafio, o primeiro de muitos a ser enfrentado.

Na verdade, a escola e os alunos tornaram-se o maior laboratório para as aulas de Filosofia, e ambos eram os principais materiais didáticos encontrados após a designação da Secretaria de Educação. A trajetória do nosso trabalho toma seu primeiro passo. A partir de agora vamos pois, elucidar a vivência da prática pedagógica nas aulas de filosofia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista, localizada na Cidade de Triunfo, Alto Sertão Paraibano, sobre o relato do professor Nozicássio Gomes de Oliveira.

## **2.2. Características físicas e humanas da Escola Estadual Bernardino José Batista**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista localiza-se no Alto Sertão da Paraíba, na cidade de Triunfo. É uma instituição de ensino com mais de quarenta anos de fundação. Porém, seu decreto para funcionamento do Ensino Médio deu-se a partir de 1983, há trinta e um anos. Desde seu funcionamento ou a maioria dele, a escola funcionava no mesmo endereço, Rua Hilton Muniz de Brito, centro da cidade, num prédio cedido pela Prefeitura. Com o tempo esse prédio se desgastou, pois o mesmo não poderia passar por reformas, o número de alunos aumentou, bem como o de funcionários. Desta forma, as condições físicas e humanas impossibilitavam a utilização de vários recursos didáticos, entre outras formas de métodos de trabalhos idealizados pelos professores (FIGURA 1 em anexo).

O sonho e perspectiva de uma escola arejada, ampla, e condizente com as novas práticas, e que se adequasse à realização de projetos, alguns em ideias e outros já escritos, somente foi realidade a partir de sua inauguração respectivamente no dia 21 de março de 2013, bem recente.

A Escola de Ensino Médio e Fundamental Bernardino José Batista, no município de Triunfo, no Sertão da Paraíba, já foi inaugurada. A comunidade escolar recebeu tablets, kit de esporte e de robótica que vão auxiliar no processo de aprendizagem... A obra é um investimento de R\$ 830 mil e conta com seis salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, sala de professores, sala da direção, pátio, cozinha, despensa, banheiros e rampas de acessibilidade. (PARAÍBA, 2013, p. 34)

Hoje, a escola está localizada à Rua Tabelião Antônio Joaquim Lisboa, Bairro Bela Vista. Nela há seis salas de aula, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma área administrativa que conta com uma diretoria, secretaria, sala de professores e almoxarifado. Na outra área, temos cozinha com despensa, seguida de banheiros masculino e feminino, além de um pátio central com cobertura e muito espaço ao redor da mesma, contando ainda com acessibilidades e sinalização de emergência.

A escola encontra-se com um número de discentes significativo, mais de trezentos alunos, dentre eles, duas turmas do Ensino Fundamental (em extinção), onze turmas do Ensino Médio regular e duas do EJA/Médio. Para o Fundamental dispomos ainda do programa do governo estadual Revisitando Saberes.

Todos os professores estão em sua devida área de ensino e dispõem dos seguintes recursos didáticos: papel, televisão, retroprojeter, aparelhos de DVDs, Data Show, impressora matricial, além de um Laboratório de Robótica, tablet educacional e netbook. A administração é composta por uma Diretora, uma Vice-diretora, uma Secretária e alguns funcionários de apoio.

O ano letivo sempre tem início na primeira semana de fevereiro e término em dezembro com um recesso no mês de Junho, e conta com quarenta semanas de trabalho pedagógico compondo os duzentos dias letivos. A escola está em processo de adaptação e muitas são as expectativas para este ano e outros vindouros. A partir de agora, uma nova história na educação será construída.

A estrutura física não é um fator determinante para quaisquer problemas existentes ou que virão a existir, mas também não podemos negar que um ambiente próprio para planejamento didático, salas amplas, espaços específicos para cada profissional exercer sua atividade, fazem a diferença visto que o endereço da escola anterior não oferecia nada disso, além de os professores terem que dividir espaço na secretaria, que também não dispunha o suficiente. E quem não merece um ambiente de trabalho e de estudo digno? Todo cidadão. Alunos, professores e demais funcionários necessitavam mais do que nunca de espaços condizentes às suas funções. Sabemos que nada substitui o bom planejamento didático vinculado à metodologia e o resultado vem como consequência (FIGURA 2 em anexo).

Dentre as construções dos novos enredos históricos, um já vinha em curso: o ensino de filosofia. Ele já havia alcançado as três séries do Ensino Médio e mesmo assim havia ainda muita restrição. A prática didática não alcançava resultados satisfatórios ao menos subjetivos. A mesma não poderia ser diferenciada. Resumos, pesquisas, seminários, aulas expositivas..., pareciam estar fora de toda e qualquer perspectiva que pudesse imaginar. Nada era suficiente para atingirmos bons resultados, como o entendimento básico da história da filosofia, do contexto histórico, e não das teorias das correntes filosófica. Falo dos conteúdos informativos.

Estes são alguns dos desafios encontrados, reflexo da súbita inserção obrigatória do ensino de filosofia. E as perspectivas eram muitas, pois é diante das dificuldades que encontramos entusiasmo para poder enfrentá-las. É preciso entender o problema e criar condições de trabalho sobre o mesmo. Se há uma problemática é nela que temos que focar procurando criar uma metodologia eficiente para a enfrentarmos e assim conseguir resultados eficazes.

### 3.3. Projeto Filosofando: da leitura à interpretação filosófica – Relato de uma prática docente

Depois de ter alcançado gradativamente às três séries do ensino médio, era possível perceber as diferenças mais constantes da sala de aula. O processo de adaptação já havia completado seu percurso e tendo encontrado como problema as questões básicas, o foco era elaborar e executar um projeto didático pedagógico que suprisse a carência dentro do ensino de filosofia. Um projeto onde os alunos pudessem ter a oportunidade de livre escolha a participar e que sentissem o desejo voluntário em abraçar a metodologia do mesmo.

A partir de uma perspectiva eficiente filosófica o trabalho teórico requer a prática de questionar constantemente nossos saberes, idéias e valores; de esforçar-se permanentemente por elucidar, debater, e avaliar os pressupostos e implicações de nossa prática. Dessa forma vai se gestando um movimento duplo em que a prática transforma a teoria e a teoria transforma a prática. (KOHAN, 2000, p. 22-23).

É sobre essa visão que nasceu o projeto **Filosofando: da leitura a interpretação filosófica**, buscando o resgate ou a criação no aluno de uma prática de leitura, com o objetivo de inseri-la como fator essencial na vida do educando como homem e como cidadão. A interpretação é uma consequência fundamental da vivência da leitura no cotidiano, pois a leitura implica necessariamente na capacidade de interpretar, uma sem a outra é mera mecânica.

Saber ler e entender. Essa recíproca exige do leitor habilidades conquistadas de forma gradativa. Fazer da leitura um hábito atual e constante requer gosto e zelo pela mesma. Na prática cotidiana da sala de aula torna-se um desafio, pois exige quase sempre um plano “B” quando a atividade proposta, principalmente para casa é a leitura de um texto. Quase cem por cento dos alunos não tem feito e quando a fazem é comum ouvir a seguinte frase **professor eu li, mas não entendi nada.**

Portanto, diante dessa demanda de informação e da escassez de leituras, ambas de suma importância para a nova configuração do perfil do jovem estudante é que tomamos a iniciativa de elaborar um projeto pedagógico que pudesse buscar a solução dessa problemática. Desta feita, traçamos um que contemplasse a necessidade da leitura e interpretação ao mesmo tempo com simples atividades para evitar o estranhamento, conseguindo aguçar o desejo de participar do projeto.

Assim, o mesmo elucidou em sua proposta leituras de Obras do filósofo Mário Sérgio Cortella, sendo elas: “Não Nascemos Prontos (2009)”, “Não Espere pelo Epitáfio” (2010) “Não se Desespere (2013)” e, seguido pelas rodas de leitura e discussão e concluindo com a produção de um texto dissertativo. O referido projeto fora uma proposta facultativa, desenvolvido apenas com as turmas do 2º e 3º Anos do Ensino Médio.

Nele primamos pelo interesse do aluno em querer participar, sendo a facultatividade uma característica do projeto, assim o aluno da série a qual foi ofertada o projeto decidiria participar ou não do mesmo. Seria, a priori, um risco a correr, porém era um risco importante. A espontaneidade, o desejo, a curiosidade inquietou a maioria dos alunos envolvidos.

O projeto assim elaborado foi apresentado nos três turnos da E.E.E.F.M. Bernardino José Batista em todos eles com as turmas do 2º e 3º Anos do Ensino Médio, turmas as quais o projeto se destinava. Neles estavam também presentes a direção ou representação da mesma, colegas professores e coordenação pedagógica da escola. Todos aplaudiram o projeto e incentivaram os alunos a participarem, focando como um projeto interdisciplinar e de excelente oportunidade de resultados.

O projeto foi apresentado à comunidade escolar e às turmas de execução e assim repassei para elas o cronograma de atividades e fizemos o sorteio do livro do Filósofo e Professor Mário Sérgio Cortella a ser trabalhado em cada turno. Efetuado o sorteio, o turno matutino se dedicou à Obra “Não espere pelo epitáfio”, o vespertino com “Não se desespere” e o noturno com “Não nascemos prontos”. Neste momento passamos pela primeira dificuldade de execução do projeto - a disponibilidade das obras, pois nenhuma delas encontrava-se acessível em formato PDF e a biblioteca da escola também não dispunha. Daí, entramos em acordo, em que cada um deles iria fazer uma cópia em xérox do material base para o estudo.

Estando todas as cópias em mãos, partimos para a primeira etapa do projeto: a leitura da obra, tendo eles um período de aproximadamente trinta dias para fazer a leitura do livro. Dentro desse período, tínhamos programado quatro **rodas de leitura**. Estas serviriam para discutirmos e debatermos o que já havia sido lido da obra. Solicitei aos participantes para não lerem tão depressa, o que ajudaria no entendimento do enredo do livro. Dos quatro encontros programados apenas dois foram possíveis. Passamos por alguns contratempos, entretanto o que conseguimos realizar foi muito proveitoso. No primeiro deles destacaram-se as dificuldades da leitura, uns começavam a ler e acabavam dormindo, outros falavam sobre a profundidade da leitura, que também haviam gostado muito da experiência, ao poucos

estavam se inteirando do pensamento do autor. Acrescentaram ainda sua particularidade do que havia chamado mais atenção no livro, além de estarem curtindo a leitura.

As dificuldades, ânsias e perspectivas eram comuns nos diferentes turnos. A realidade vivida era a mesma. O porte educacional dos alunos tem aumentado a cada dia. A leitura de obras literárias e principalmente filosóficas era um desafio que agora estamos rompendo a cada dia, gradualmente e da maneira mais simples possível visando o deslumbramento desse ato tão significativo, o da leitura.

A segunda roda de leitura marca a conclusão das leituras das obras, aqui cada um dos participantes já tem uma visão apropriada da obra. Ele acaba de exercer um grande papel: o de ler um livro, uma obra filosófica. A satisfação de tarefa concluída é notória na face de cada um deles. Realizamos assim as primeiras atividades do nosso projeto.

A segunda etapa é mais delicada. A leitura é muito importante e dela provem as informações necessárias para o conhecimento. Assim pedimos a elaboração de um texto dissertativo o qual tivesse o limite máximo de 30 linhas. O tema seria livre, sendo a principal referência para a produção a obra já lida. Restava então aos alunos escrever sua interpretação e compreensão da mesma. Ficou a cargo de cada um a escolha do tema. Percebendo a dificuldade deles e a limitação do tempo para orientação mais direta na realização dessa atividade, ficou facultativo para se realizar a produção em dupla ou individualmente. Nesse momento eles tiveram a orientação dos professores de Língua Portuguesa e do professor de História, em algumas turmas (FIGURA III em anexo).

As produções foram concluídas e entregues para correção e escolha do melhor trabalho de cada turno, ao qual chamamos de produção destaque para integrar a última atividade do projeto, a elaboração de um jornal mural. Na segunda etapa do projeto, além da produção textual deveria ser criada uma charge também como forma interpretativa, porém nenhum dos alunos fez a opção por essa categoria.

Essa fase do projeto foi concluída com avaliação do projeto, através de um questionário, contendo sete questões, sendo quatro objetivas, duas abertas e uma conceitual. Aqui mostraremos uma média em porcentagem, colhida das respostas de vinte e cinco alunos escolhidos de forma aleatória entre os turnos.

1. Você já leu algum livro de qualquer literatura?

**SIM: 76%                      NÃO: 24%**

2. Até o Projeto “Filosofando: da leitura à interpretação filosófica”, você já havia lido alguma outra obra de cunho filosófico?

**SIM: 0%                              NÃO: 100%**

3. Você sentiu alguma dificuldade em ler a obra de Mário Sérgio Cortella?

**SIM: 8%**                      **NÃO: 92%**

4. A leitura como atividade do projeto lhe ajudou de alguma forma no seu desempenho em outra(s) disciplina(s)?

**SIM: 96%**                      **NÃO: 4%**

5. Qual sua opinião sobre a realização do projeto?

<b>Insuficiente</b>	<b>0%</b>
<b>Ruim</b>	<b>0%</b>
<b>Regular</b>	<b>0%</b>
<b>Bom</b>	<b>44%</b>
<b>Ótimo</b>	<b>56%</b>

As leituras dos textos foram feitas pelo professor titular do projeto e pelas professoras de História, Érika Vanessa Lisboa Andrade e Janaina Moreira Lisboa. As mesmas leram os textos por turnos e elegeram um destaque além de obter notas fracionadas entre 7,0 (sete) a 10,0 (dez).

Desta forma os textos destaque escolhidos dos alunos por seu respectivo turno foram:

MANHÃ: Eloíza Ferreira Lisboa.

TARDE: Thamires Deuza da Conceição e Rafaela Evangelista de Meneses.

NOITE: Deorcindo Gomes Filho.

Concluindo as atividades de maior relevância do projeto e divulgado o resultado das mesmas, seguimos para confecção do jornal mural. O mesmo foi confeccionado ilustrando as principais atividades do projeto e dos demais que vinham sendo desenvolvidos na escola. As três primeiras páginas foram publicadas com as produções textuais dos alunos destaque além de um poema. O jornal foi apresentado à comunidade escolar na ocasião da feira de ciências da escola que aconteceu no mês de novembro do mesmo ano.

Podemos perceber no gráfico (FIGURA IV em anexo) o rendimento médio por série/bimestre no decorrer do Projeto “Filosofando: da leitura à interpretação filosófica”. Tivemos uma mudança significativa nas médias bimestrais, com exceção do 3º Ano B, que atingiu a máxima no primeiro bimestre, cai no segundo e se recupera no terceiro.

O projeto “Filosofando: da leitura à interpretação filosófica” é um projeto pedagógico que contempla em sua estrutura uma sequência de leitura, imaginação, interpretação e reflexão, vislumbrada a partir das obras do Filósofo Mário Sérgio Cortella. Desse conjunto



extrai-se a beleza da Filosofia, talvez até então não compreendida, pois dele emanou o potencial camuflado na malha intelectual dos adolescentes e jovens nele envolvidos.

Filosofia não é coisa de quem apenas pensa, mas de quem pensa diferente, e não se apega ao senso comum. O dado projeto introduz uma nova concepção do ensino de Filosofia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino José Batista; afirmo isso não apenas na visão de um Professor de Filosofia, mas pela trajetória traçada por cada um de nós (professor e alunos).

Objetivos foram alcançados, metas foram e estão sendo cumpridas, barreiras foram quebradas e sonhos realizados, apesar das dificuldades enfrentadas, pois na prática docente e principalmente na realização de projetos didáticos pedagógicos muitos são os desafios.

Desta forma, realizamos noventa por cento do nosso projeto e até o final deste ano chegaremos aos cem por cento. A partir disso estaremos prontos para dar continuidade ao mesmo em anos vindouros, fazendo com que a leitura e a interpretação de obras paradigmáticas de quaisquer vertentes literárias e filosóficas estejam sempre presentes na vida escolar dos nossos alunos, lutando também para que nossa biblioteca condiga com um acervo mais amplo, que possibilite maior e melhor utilização da mesma.

Os resultados foram exitosos, além do rendimento quantitativo expresso no gráfico (FIGURA IV), contamos com a satisfação dos alunos participantes, como ilustra o questionário. O projeto executado em sua maioria atingiu as expectativas objetivadas, e o reconhecimento pela comissão do Prêmio Estadual Mestres da Educação, divulgado no site do Governo do Estado em 19 de dezembro de 2013, [www.paraiba.pb.gov.br](http://www.paraiba.pb.gov.br). O prêmio significou mais do que um reconhecimento, uma conquista, resultado de um trabalho audacioso, que de forma facultativa recebeu o **sim** e empenho coletivo dos alunos e o apoio dos colegas professores, coordenadores e gestores da escola. Pois só assim é possível caminhar enquanto comunidade escolar.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A herança da filosofia no Brasil, talvez não tenha um respaldo como se esperava, a exemplo do que ocorre em outros países. A história da filosofia no Brasil perpassa por trajetórias distintas, de uma extremidade a outra, desde a chegada dos padres jesuítas à realidade dos dias atuais. Assim ela trilha sua trajetória paralela às questões políticas vivenciadas pelo Brasil colônia, Império e República, por meio das circunstâncias vividas nas respectivas fases da vida política da nação.

O grande momento da filosofia no Brasil deu-se após a expulsão dos jesuítas. A partir daquele momento abriu-se um leque influente de oportunidades para o desencadeamento do pensamento filosófico e nesta fase, muitos intelectuais apostam na modernidade social e política do país. Desta forma, o Brasil foi construindo seu pensamento intelectual vislumbrando as possíveis mudanças que ocorreram em outros países através do pensamento iluminista do século XIX na Europa. Mas é na perspectiva do Positivismo de Auguste Comte que o Brasil deu um passo significativo em sua estrutura política, tudo isso influenciado pelas ideias das correntes filosóficas.

Vivendo as reformas sociais e políticas, e com o ensino de filosofia estabelecido na universidade, analisando outros fatores contrários a instauração política brasileira, o país estava cedendo caminho para as ditaduras, a de Vargas e posteriormente a Militar de 1964, que por sua vez cogita o ensino de filosofia nas escolas e dá espaço a outras disciplinas com os ideais da ditadura, implantando as disciplinas OSPB e EMC. A ditadura deixou expressivamente nas suas duas décadas de atuação uma herança social que reflete negativamente a intelectualidade brasileira, a ponto de se querer resgatar ou reestruturar o pensamento intelectual por meio da reinserção do ensino obrigatório de Filosofia e Sociologia nas escolas públicas brasileiras. Porém, há muitas pendências e carências na intelectualidade brasileira e na educação.

O retorno do ensino de Filosofia trouxe consigo muitos impasses para as escolas públicas, o que já era de se esperar, sendo um dos principais a oferta e a demanda, além de vagas excedentes e escassez de profissionais qualificados. Assim apontava na esfera educacional a velha lógica da bola de neve, as sucessões de dificuldades, que envolvem a sala de aula, o professor e a escola, onde se respaldaria nas questões didáticas, pedagógicas, ementário, material didático de apoio ao professor e o estranhamento por parte do aluno, associado aos velhos pré-conceitos, relacionados aos filósofos.

Não podemos pensar que o retorno do ensino de filosofia veio como **salvador da pátria**, como redentor do ensino público no final da primeira década do Novo Milênio, ou como um novo paradigma libertador, que pudesse operar milagres na conjuntura educacional ou até mesmo intelectual de uma nação. Estamos longe de resolver as lacunas existentes no sistema educacional, com a inserção obrigatória de uma disciplina, seja ela qual for, nos currículos das escolas públicas. Mas mesmos inseridos nesse contexto da obrigatoriedade e trabalhando diretamente com uma categoria literalmente jovem, podemos dar uma parcela de contribuição, não arraigados às teorias filosóficas, mas fazendo uso da maiêutica socrática, levando o aluno a partir dele mesmo e descobrir o potencial que ele esconde à luz dos mais variados projetos didáticos.

Destarte, o projeto “Filosofando: da leitura à interpretação filosófica”, surgiu da necessidade emergente arraigada a base educacional da maioria dos alunos da Escola Bernardino José Batista. E nele buscamos canalizar conceitos equivocados a respeito da leitura e o universo que ela nos pode oferecer, e mais ainda, leitura de obras filosóficas.

A trilogia provocações filosóficas, conjunto de obras supracitadas, tornaram-se a obra prima para execução do projeto didático. A leitura dos referidos livros despertaram a capacidade até então escondida na malha intelectual dos alunos, e permitiu o enxergar além do horizonte, assim como os prisioneiros da Alegoria da Caverna de Platão.

O resultado da leitura de uma boa obra, só poderia refletir nas melhores produções textuais inspiradas nas interpretações feitas a partir da leitura filosófica, pois retemos uma atitude expressiva e significativa, visto que o ato também constitui o filosofar. E se chegamos até aqui, podemos ir mais longe e vislumbrar o que a leitura e a filosofia têm a nos oferecer. Só precisamos sair da zona de conforto impregnada pela cultura do consumismo e de tantas outras quem circundam nossos jovens, que estão cada vez mais envolvidos nas redes sociais. Mas estas serão questões dentro das categorias transversais a serem tratadas em outro projeto pedagógico que dará continuidade ao que conseguimos conquistar até agora.

Foram cinco longos anos após a inserção do ensino obrigatório de filosofia, onde nos permitiu vivenciar momentos de dificuldades na prática pedagógica pelo estranhamento da mais recente disciplina curricular do ensino médio, o papel do ensino de filosofia é romper ainda muitas barreiras com ele mesmo. Mas concernente a prática pedagógica e aos objetivos do ensino de filosofia estabelecidos nos parâmetros curriculares, conseguiremos obter resultados satisfatórios na perspectiva do ensino da respectiva disciplina nas escolas públicas.

#### 4. REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mario Sérgio. *Filosofia e Ensino Médio: uma proposta*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Não espere pelo epitáfio...: provocações filosóficas*. 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Não se desespere!: provocações filosóficas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Não nascemos Prontos!: Provocações filosóficas*. 9ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alexandro Cesar. *Filosofia: construindo o pensar*. São Paulo-SP: Escala Educacional, 2008.

KOHAN, Walter Omar. (org.). *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro-RJ: Lamparina, 2008.

KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro (org.). *Filosofia na escola pública*. Vol. 5. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

REZENDE, Antonio (org.). *Curso de Filosofia: para professores e alunos de segundo grau e de graduação*. 13. Ed. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2005.

MAAMARI, Adriana Mattar. *De volta à escola*. Revista Discutindo Filosofia. Ano 1; nº 5; Escala Educacional, São Paulo-SP: p. 22-25.

FAVARETTO, Celso. *Filosofia ajuda o aluno a pensa (entrevista)*. Revista Discutindo Filosofia. Ano 1; nº 5; Escala Educacional, São Paulo-SP: p. 26-29. entrevista concebida a Marta Vitória e Homero Santiago.

<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/seec-secretaria-de-estado-da-educacao-e-cultura-pb-504-vagas> Visitado em 16 de Junho de 2014.

<http://sertaoevento.blogspot.com.br/2009/11/sociologia-e-filosofia-na-escolas.html> Visitado em 16 de Junho de 2014.

<http://www.paraiba.pb.gov.br/20773/governo-do-estado-convoca-professores-de-filosofia.html> Visitado em 17 de Junho de 2014.

<http://www.paraiba.pb.gov.br/82242/governo-divulga-vencedores-dos-premios-mestres-da-educacao-e-escola-de-valor.html> Visitado em 17 de Junho de 2014.

## 5. ANEXOS



Figura I: Repartições onde funcionava o antigo prédio da E.E.E.F.M. Bernardino José Batista.



Figura II. Escola Bernardino José Batista recém construída.



Figura III: Atividades do Projeto Filosofando: da leitura à interpretação Filosófica.

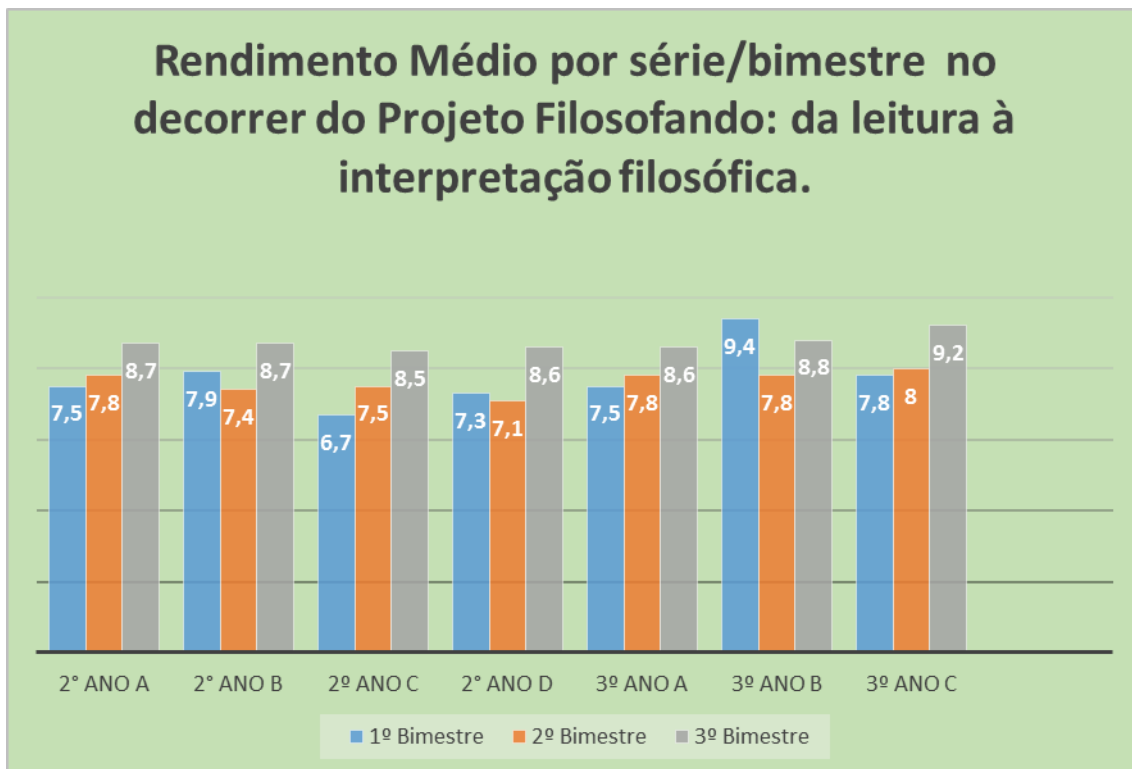


Figura IV: Gráfico de rendimento bimestral das turmas de 2º e 3º Ano do Ensino Médio